

Ana Fernandes

Desde início de Junho que em Coruche se faz o descortiçamento das primeiras propriedades privadas a conseguir a certificação do FSC

☉ Não são os cinco quilos que leva em cada braço que a incomodam. São as formigas, ávidas da humidade da cortiça recém-tirada, que insistem em enfiar-se debaixo da roupa. Inácia Jerónimo empilha as placas que os descortidores acabaram de extrair dos sobreiros, como o faz há 30 anos. A diferença é que agora carrega a primeira cortiça de proprietários privados certificada em Portugal.

Na Herdade da Machoqueira do Grou, em Coruche, o calor começa a apertar. "Isto é o mais difícil", admite a alentejana. Mas já são muitas décadas na floresta, no Verão nos montados, no Inverno na apanha de lenha dos eucaliptais. Antes, Inácia juntava-se a outros a aguardar nas aldeias que os proprietários fossem em sua procura. Agora trabalha para a empresa de serviços florestais Eco-agro, que pertence aos proprietários da Machoqueira.

Estes, em conjunto com outros quatro proprietários, juntaram-se para conseguir a primeira certificação de grupo para o montado pelo sistema FSC. Esta distinção, que é apoiada a nível mundial pela associação ambientalista WWF, assegura que a floresta é gerida de forma sustentável, cumprindo-se preocupações ambientais e sociais.

Estes proprietários foram os primeiros particulares - há já empresas que têm a certificação - a conseguir o selo para os sobreiros. Abrange 7066 hectares e para a semana juntar-se-á um sexto produtor, o que elevará a área para 8500 hectares.

No mercado, a certificação valoriza a arroba em 50 cêntimos o que, explica António Gonçalves Ferreira, um dos proprietários da Machoqueira e vice-presidente da União da Floresta Mediterrânica (Unac), "dá 40 cêntimos para amortizar o investimento da certificação e dez cêntimos de mais valias, o que compensa o esforço."

Esforço que, no caso do montado, não implica grandes alterações das práticas vigentes. Sendo um sistema florestal de uso múltiplo, alberga uma importante biodiversidade, sobretudo ao nível das plantas e de espécies emblemáticas como o lince ou as ra-

50

cêntimos é quanto a arroba da cortiça - que varia entre os 20 e os 40 euros - sai valorizada com a certificação da gestão florestal

pinas, adianta Luís Silva, da WWF.

Agora, com a certificação, as grandes diferenças estão na maior transparência dos processos, nas preocupações com a segurança dos trabalhadores, com as práticas correctas de descortiçamento e com a mobilização mínima do solo, para impedir perdas da já escassa matéria orgânica.

O objectivo da WWF é conseguir chegar aos 150 mil hectares de montado certificado em Portugal. Para isso juntou-se à Unac, que agrega proprietários que representam a maior área de produção de cortiça a nível nacional. "Precisamos de parcerias com escala", explica Luís Silva.

Em volta, impera o silêncio, entrecortado pelo som do machado contra a árvore seguido do barulho surdo da cortiça a descolar-se do tronco, algo semelhante ao da rolha a sair da garrafa. Daqui a nove anos, o sobreiro voltará a ser generoso.

Eucalipto segue o mesmo caminho

Certificação faz aumentar preço da madeira

A certificação da gestão florestal era, até há muito pouco tempo, exclusivo das grandes empresas. O desafio em Portugal sempre foi conseguir passar essa experiência para os proprietários particulares, um desafio tanto maior à medida que se caminha para norte, onde as propriedades são menores.

Um passo que a Flopen, Associação de Produtores e Proprietários Florestais de Penela, conseguiu dar no ano passado, assegurando a certificação FSC para 774 hectares de 44 pessoas.

Por estes números se vê como a tarefa em minifúndio é hercúlea. Mas o esforço recompensa, já que o mercado premeia a certificação

em 2,5 euros por metro cúbico de eucalipto.

Tal como a APFC - a associação de produtores de Coruche -, a Flopen adoptou a norma FSC (Forest Stewardship Council) que permite a certificação de grupo, que é a única forma de pequenos proprietários se certificarem de forma economicamente viável.

Em Junho, os primeiros eucaliptos certificados começaram a tombar. No primeiro semestre são 3500 metros cúbicos a chegar ao mercado e no fim do ano atingir-se-ão os 7000, diz João Ribeiro, responsável da Flopen. Aqui, o esforço foi monumental, mas não se arrependem. "É isto que o mercado quer, esta é uma aposta ganha", assegura. **A.F.**